

Luís Henrique-Pavan

Doutor em Arquitetura e Urbanismo.
Profesor Departamento de Projetos Escola
de Arquitetura
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1204-2756>
luishpavan@arq.ufmg.br

José Ripper-Kós

Doctor em Doutorado em Arquitetura
e Ciências da Construção. Profesor titular
Departamento de Arquitetura e Design
Urbano
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-4760-0017>
jose.kos@ufsc.br

NEOLIBERALISMO, PRODUTOS ESPACIAIS E INFRAESTRUTURAS UNIVERSITÁRIAS EM FLORIANÓPOLIS E LAUSANNE, BRASIL

NEOLIBERALISM, SPATIAL PRODUCTS AND UNIVERSITY INFRASTRUCTURES IN FLORIANÓPOLIS AND LAUSANNE, BRAZIL

NEOLIBERALISMO, PRODUCTOS ESPACIALES E INFRAESTRUTURAS UNIVERSITARIAS EN FLORIANÓPOLIS Y LAUSANNE, BRASIL



Figura 0. RLC. Floresiras impedem o acesso onde o desnível do piso se torna perigoso. Fonte: Arquivo de autores do 2023.

Artigo financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

RESUMO

Racionalidades neoliberais têm transformado as universidades e impactado seus artefatos arquitetônicos. Concomitantemente, uma mudança qualitativa nos estudos infraestruturais aborda as dimensões materiais e discursivas das infraestruturas de modo coeso e, ao fazê-lo, abre novas possibilidades metodológicas. Neste artigo, amparamo-nos no conceito de “produto espacial” para descrever edifícios nos quais as lógicas do neoliberalismo aparecem material e espacialmente incorporadas. Nossa investigação parte de dois objetos com características e contextos muito distintos. O primeiro é o Rolex Learning Center (RLC), na École Polytechnique Fédérale de Lausanne, na Suíça, e o segundo, o Centro de Cultura e Eventos (CCEven), na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, Brasil. Esse par inusitado revela microcosmos de suas instituições e respectivos campi, refletindo contradições e pressões interescares que afetam as universidades contemporâneas. Analisamos como, nessas infraestruturas educacionais, o imediato e o global se constroem e se projetam mutuamente, também enquanto produtos espaciais. Nossas fontes primárias incluem materiais projetuais, documentos institucionais e declarações de atores relevantes nos processos constitutivos do espaço universitário, o que nos permite posicionar esses dois artefatos em uma rede ampliada de relações. A discussão que propomos expande a possibilidade de análise crítica arquitetônica e infraestrutural, tanto na qualidade de suporte físico quanto de ferramenta metodológica-interpretativa. Os resultados evidenciam que o RLC e o CCEven são indissociáveis e atuantes em processos transformadores multiescares em suas respectivas instituições, além de contribuírem para a construção de um arcabouço teórico no qual a crítica de arquitetura enfrente o peso do neoliberalismo sobre as formas, os programas e os léxicos arquitetônicos.

Palavras-chave: campus, cidades universitárias, crítica de arquitetura, globalização, virada infraestrutural

ABSTRACT

Neoliberal logics have transformed universities and impacted their architectural artifacts. Concomitantly, a qualitative change in infrastructural studies addresses the material and discursive dimensions of infrastructures in a cohesive manner and opens up new methodological possibilities. In this article, we draw on the concept of the spatial product to describe buildings in which the logics of neoliberalism appear materially and spatially embedded. Our research begins with two artifacts that have very different characteristics and contexts. The first is the Rolex Learning Center (RLC) at the École Polytechnique Fédérale de Lausanne in Switzerland, and the second is the Center for Culture and Events (CCEven) at the Federal University of Santa Catarina in Florianópolis, Brazil. This unusual pair reveals microcosms of their institutions and campuses, reflecting the contradictions and interscalar pressures that affect universities. We analyze how, in these educational infrastructures, the immediate and the global are mutually constructed and projected, also as spatial products. Our primary sources include design materials, institutional documents, and statements from relevant actors involved in the processes of constituting university space, allowing us to situate these two artifacts within an expanded network of relationships. The discussion we propose expands the possibilities for critical architectural and infrastructure analysis, both in terms of physical support and as a methodological-interpretative tool. Our results show that RCL and CCEven are inseparable and active in multiscale transformative processes within their respective institutions, and that they contribute to the construction of a theoretical framework in which architectural criticism confronts the weight of neoliberalism on architectural forms, programs, and lexicons.

Keywords: architectural criticism, campuses, infrastructural turn, globalization, university

RESUMEN

Las racionalidades neoliberales han transformado las universidades e incidido en sus artefactos arquitectónicos. De forma concomitante, un cambio cualitativo en los estudios de infraestructura aborda las dimensiones materiales y discursivas de las infraestructuras de manera cohesiva y despliega nuevas posibilidades metodológicas. En este artículo, recurrimos al concepto de producto espacial para describir edificios en los que las lógicas del neoliberalismo aparecen incrustadas, tanto material como espacialmente. Nuestra investigación parte de dos artefactos con características y contextos muy diferentes. El primero es el Rolex Learning Centre (RLC) en la École Polytechnique Fédérale de Lausanne, en Suiza, y el segundo es el Centro de Cultura e Eventos (CCEven) en la Universidad Federal de Santa Catarina, en Florianópolis, Brasil. Este par inusual revela microcosmos de sus instituciones y campus, reflejando las contradicciones y presiones interescares que afectan a las universidades. Analizamos cómo, en estas infraestructuras educativas, lo inmediato y lo global se construyen y proyectan mutuamente, también como productos espaciales. Nuestras fuentes primarias incluyen materiales de diseño, documentos institucionales y declaraciones de actores relevantes en los procesos de constitución del espacio universitario, lo que nos permite situar estos dos artefactos en una red ampliada de relaciones. La discusión que proponemos amplía la posibilidad de un análisis arquitectónico e infraestructura crítico en términos de soporte físico y como herramienta metodológica-interpretativa. Nuestros resultados nos permiten ver cómo el RCL y el CCEven son inseparables e incluso actúan activamente en procesos transformadores a múltiples escalas dentro de sus respectivas instituciones. Además, contribuyen a la construcción de un marco teórico en el que la crítica arquitectónica enfrenta el peso del neoliberalismo sobre las formas, los programas y los léxicos arquitectónicos.

Palabras clave: campus, ciudades universitarias, crítica de arquitectura, virada infraestructural, globalización

INTRODUÇÃO

Em Lausanne, na Suíça, duas superfícies topográficas de concreto envolvem um plano envidraçado. Os vazios que atravessam a planta retangular do edifício criam, entre muitos outros ambientes, áreas de descanso e convivência estudantil, uma biblioteca e um auditório. Muito mais ao sul, na capital catarinense Florianópolis, Brasil, em um contexto socioeconômico que pouco se assemelha ao anterior, dois grandes pórticos dominam as fachadas predominantemente opacas de um dos maiores centros de eventos do estado. O edifício suíço é o Rolex Learning Center (RLC), na École Polytechnique Fédérale de Lausanne (EPFL). O exemplo brasileiro situa-se na sede da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e abriga o Centro de Cultura e Eventos (CCEven). Tomamos esses dois edifícios universitários como microcosmos institucionais e condensações tanto dos seus respectivos campi quanto, de modo mais significativo, do estado recente das infraestruturas universitárias sob o neoliberalismo. Os dois artefatos corporificam as pressões interescares que têm marcado as universidades, ainda que emergentes de cenários distintos. Eles também propiciam uma discussão sobre o potencial analítico que os estudos das infraestruturas indicam.

O debate sobre uma “virada infraestrutural” ganhou força nas áreas afins ao urbanismo nos últimos anos. Essa abordagem entende as infraestruturas enquanto arranjos materiais, como os edifícios de um campus universitário, e como dispositivos discursivos e organizacionais que operam conjuntamente. Se essa alteração ampliou o campo urbanístico, ela ainda aparece contingencialmente no exame dos artefatos arquitetônicos. Depreendemos, disso, dois reposicionamentos centrais que desenvolvemos neste escrito. O primeiro analisa os processos de neoliberalização como parte da rede sociotécnica que compõe a universidade. Esse alargamento conceitual da infraestrutura desloca os campi e as universidades no cenário de globalização assimétrica. O espaço daí gerado, que denominamos infraestrutural, evidencia mudanças históricas e regimes sociotécnicos que articulam, ininterruptamente, escalas locais e globais. O segundo reposicionamento perpassa a característica relacional das infraestruturas universitárias. Daí se infere que sua existência e funcionamento sobrevivem de dinâmicas amplas que condicionam tanto sua forma quanto seus efeitos.

Processos neoliberais vêm reduzindo as universidades ao papel de prestadoras de serviços. Algo menos aparente é como a neoliberalização ordena o ambiente construído nas universidades e, ao fazê-lo, transforma-o em ativo econômico. Nesse contexto, podemos tratar algumas infraestruturas educacionais como “produtos espaciais”. Em essência, este termo designa os arranjos físicos e regulatórios que servem de veículo para o capital global, encapsulando e reproduzindo suas racionalidades como uma infraestrutura com agenda política embutida (Easterling, 2005). A justaposição entre RLC e CCEven, além de compartilhar uma orientação metodológica, permite observar como realidades paralelas, formadas em contextos sociotécnicos e socioeconômicos distintos, tornam-se mutuamente legíveis. Ao reunir esses dois campos de observação, contribuimos para uma crítica arquitetônica que reconhece a necessidade de complexificar escalas, indo do detalhe técnico ao território, das práticas cotidianas às lógicas institucionais, e de

situar a arquitetura em redes infraestruturais amplas. A comparação evidencia variações operativas desses processos e seus efeitos materiais e expressivos diretos, o que exige ferramentas capazes de articular materialidade, política e forma. É aqui também que situamos as lacunas com as quais trabalhamos. Embora a virada infraestrutural ofereça ferramentas para integrar a discussão sobre artefatos arquitetônicos, essa aproximação ainda é incipiente em nossa disciplina arquitetônica. A crítica de arquitetura raramente tem enfrentado o peso do neoliberalismo sobre formas e léxicos, concentrando-se quase sempre em dinâmicas urbanas ou de segregação e deixando em segundo plano suas implicações morfológicas, programáticas ou estéticas. Por último, se no Norte Global esse tema é pouco visitado, na América do Sul essa abordagem permanece, salvo engano, virtualmente inexplorada.

DA ALMA MATER AO PRODUTO ESPACIAL

O termo *Alma Mater*, “mãe que nutre”, designa a instituição onde alguém se formou e evoca um vínculo pessoal íntimo com o lugar de formação acadêmica. A universidade ocidental consolidou-se como um fenômeno capaz de atravessar processos de secularização, de burocratização dos Estados-nação e, posteriormente, de expansão para além da Europa (Shils & Roberts, 2004). Não cabe aqui detalhar esse percurso, mas é nas fases mais recentes da história universitária que se evidenciam transformações associadas à globalização. Esse processo se manifesta de forma diferente em cada território, o que suscita reservas quanto ao uso de conceitos excessivamente amplos. Ainda assim, as infraestruturas universitárias permitem articular escalas locais e universais, acompanhando a própria expansão do capitalismo (Souza, 2011). Nessa perspectiva, Barboza & Dauß (2022) argumentam que a compreensão dos campi exige pensá-los simultaneamente no singular e no plural, pois suas formas expressam tanto enraizamentos territoriais quanto lógicas globais.

Mesmo onde o financiamento público permanece a principal fonte de renda, como nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) brasileiras ou nas universidades alemãs, observa-se a difusão de uma racionalidade privatista que reconfigura a governança, o financiamento e a organização espacial. Nesse ambiente, a internacionalização impulsiona instrumentos como rankings acadêmicos, métricas padronizadas de desempenho e sistemas de avaliação. No Brasil, tal racionalidade ganhou força com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), lançado em 2007. Embora tenha ampliado o acesso, o programa consolidou um modelo gerencial ao vincular a implementação das propostas à capacidade orçamentária do governo, enfatizando indicadores como a relação entre o número de estudantes por número de professores, a otimização de recursos e a flexibilização curricular, frequentemente condicionando a liberação de verbas a esses parâmetros (Andrade, Lucena, & Barleta, 2018; Léda & Mancebo, 2009).

Na Europa, a Declaração de Bolonha estabeleceu um espaço comum de ensino superior a partir de 1999 e estimulou as universidades a se ancorarem na formação de centros de pesquisa globalmente competitivos, focados em

MARCO TEÓRICO

desempenho, inovação e na construção de redes internacionais (Hertig, 2016; Lorenz, 2011; Lund, 2020). Também neste contexto, os rankings desempenham um papel central ao impor sistemas avaliativos padronizados e de alto impacto sobre as prioridades institucionais e as estratégias de financiamento, frequentemente em detrimento das especificidades locais (Burrell & Fourcade, 2021). Paralelamente, cresce a exigência por pesquisas “úteis” e de aplicação imediata, o que intensifica critérios utilitaristas e orientados ao lucro (Fleming, 2021; Wedlin, 2020). A dependência crescente de corporações, doadores privados e fundações – a exemplo do protagonismo das últimas nas IFES brasileiras – reforça ainda mais esse movimento.

O neoliberalismo é um projeto proteiforme, com alta capacidade de mutação, que visa à construção de um Estado alicerçado num conjunto de tecnologias e infraestruturas que anelam não à retirada do Estado, mas à sua mobilização, em virtude de uma ordem de mercado. Entre práticas locais adaptáveis e uma acirrada ênfase competitiva, o neoliberalismo produz também um arcabouço estético e uma sensibilidade cultural próprios (Clarke, 2008; Laval & Sorondo, 2022; McGuigan, 2016; Biebricher & Ptak, 2020). Esse projeto se consolidou na Europa entre 1970 e 1980, respondendo à crise e à estagnação do Estado de bem-estar social por meio da austeridade e de reformas de mercado. Na América Latina, intensifica-se após 1980, sobretudo por imposição de ajustes estruturais pactuados entre os governos da região e organismos internacionais. No Brasil, a ampliação ocorre a partir da redemocratização, quando reformas econômicas flexibilizam o mercado, privatizam empresas e reduzem o papel estatal, impactando as políticas sociais e educacionais e o funcionamento das IFES (Costa & Silva, 2019).

A conceituação de uma dita “sociedade do conhecimento” altera qualitativamente as universidades. Nos EUA dos anos 1960, esse paradigma redefiniu o conhecimento, passando-o de um bem público relativamente estável a um fluxo contínuo regulado pela propriedade intelectual, no qual o corpo discente também é público consumidor (Slobodian, 2020). A difusão desse modelo intensificou-se sobretudo via *soft power* norte-americano, por meio de cooperações técnicas com a América Latina e a Europa. No Brasil, a atuação da United States Agency for International Development (USAID) e as parcerias com o Ministério da Educação intensificaram-se desde os anos 1950 e culminaram nas reformas educacionais do final da década de 1960 (Cunha, 2007). Amplia-se o pendor neoliberal no ensino superior nos governos do início da década de 1990, com os presidentes Collor e Franco; consolida-se no período de Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2002), com a expansão privada, e retorna, reconfigurado, nos governos Lula e Dilma, alinhado às diretrizes do Banco Mundial para ampliar universidades e vagas (Chaves & Amaral, 2016).

Ignorar que essas modificações têm impacto no ambiente construído universitário dificulta o estudo do território das universidades, até porque, como buscamos demonstrar, as infraestruturas são, concomitantemente, relacionais e impactadas por movimentos muito menos imediatos do que uma análise rápida poderia supor. Desconsiderar que essas dimensões

interagem nos campi limita as análises ao formal e ao funcional, impedindo que se reconheça como participam de fluxos mais amplos e como seu funcionamento e materialidade são modificados pela presença ubíqua do neoliberalismo. Precisamente aqui a ideia de produtos espaciais, proposta por Easterling (2005), torna-se útil, pois demonstra como certos desenvolvimentos urbanos e arquitetônicos circulam globalmente como modelos padronizados, expressando lógicas do capitalismo corporativo transnacional. Esse movimento acompanha a passagem de infraestruturas centralizadas e universalistas para redes segmentadas e desiguais; desloca-se do Estado para a esfera privada (Graham & Marvin, 2022).

Nas humanidades, as conceitualizações recentes de infraestrutura reconhecem suas dimensões históricas, políticas e culturais e sustentam uma mudança qualitativa nos estudos da área. Como termo, “infraestrutura” surge no francês e vincula-se à base física sobre a qual se assentavam os trilhos de trem; apenas no início do século XX passou a incluir elementos como pontes e aterros. Desde então, os pesquisadores vêm expandindo continuamente o conceito, o que explica seu uso disseminado (Richter, 2018; van Laak, 2018). Para Edwards (2002), as infraestruturas moldam e são moldadas pela condição da modernidade ao conectar escalas de tempo, espaço e organização social. Richter (2018) propõe algo semelhante ao defender uma hermenêutica das infraestruturas capaz de revelar mudanças históricas, relações de poder, desigualdades e sistemas tecnológicos. Para ambos, a infraestrutura ultrapassa o *hardware* ao ser sempre material e discursiva.

As universidades, nesse sentido, constituem-se como infraestruturas complexas, compostas por edifícios, tecnologias, rotinas administrativas, regimes de financiamento e valores institucionais. Seus edifícios operam como dispositivos organizacionais que estabilizam práticas e contribuem para a fabricação contínua da própria instituição (Martin, 2010; Martin, 2021). Podemos aproximar o conceito de produto espacial da ideia de que, na operação cotidiana do campus, diferentes infraestruturas se cruzam e produzem espaço. Nessa chave, os modelos organizacionais e arquitetônicos que circulam transnacionalmente chegam aos campi como protocolos padronizados, mas só se efetivam ao se encontrarem com as condições institucionais locais, que os modulam e, por vezes, os transformam. Esse processo insere os campi em matrizes de gestão e regulação que articulam escalas globais e locais e atuam como dispositivos de produção espacial.

Os artefatos arquitetônicos emergentes dessas dinâmicas representam as organizações que abrigam e participam ativamente da produção de seus modos de funcionamento, capturando contingências e reconfigurando práticas. Distanciando-se de abordagens estritamente econômicas, Spencer (2021) redefine a arquitetura contemporânea como uma tecnologia de poder dedicada à produção de subjetividade neoliberal. O design e seu discurso atuam, assim, como mecanismos de conformidade que esculpem os perfis ideais para a manutenção da ordem neoliberal, tais como o aluno-empREENDEDOR, o cidadão-consumidor e o trabalhador flexível. Forma-se, assim, uma rede de reciprocidades entre artefatos, atores, tecnologias e

economias na qual a materialidade é crucial. Nosso marco teórico respalda o entendimento de que artefatos construídos, regimes de gestão e processos políticos atuam como infraestruturas que coproduzem o campus ao articular escalas globais e locais. Edifícios universitários condensam normas, tecnologias e fluxos gerenciais, funcionando como dispositivos operacionais da instituição. A neoliberalização reconfigura esse conjunto ao reorganizar redes de provisão, segmentar acessos e deslocar poder para atores corporativos, alterando a configuração infraestrutural do campus.

METODOLOGIA

Ancoramos nosso método na abordagem crítica da arquitetura e o orientamos pela mudança qualitativa que tem impactado os estudos das infraestruturas, o que exige integrar produção arquitetônica, dinâmicas da neoliberalização e transformações das infraestruturas universitárias. A escolha de dois casos contrastantes, o CCEven da UFSC e o RLC da EPFL, decorre dessa necessidade. Ambos condensam tensões entre financiamento público e privado, funcionam como peças de visibilidade institucional e cristalizam mudanças na gestão, governança e regimes de provisão, ainda que em contextos nacionais e institucionais amplamente distintos. A pesquisa avançou por movimentos complementares. Primeiro, examinamos as transformações na UFSC e na EPFL, situando inflexões na gestão e no financiamento no contexto mais amplo da neoliberalização. Em seguida, analisamos a concepção dos edifícios, a partir de documentação técnica, arquivos institucionais e materiais públicos disponíveis. No RLC, nossa análise se concentrou no material público relativo ao edifício, especialmente nas versões publicadas em revistas especializadas – a exemplo de Gregory (2010) e BauNetz (n.d.) – e no material de divulgação institucional oficial, via EPFL (2010). No CCEven, concentramos nossa análise no projeto original de 1995, obtido nos arquivos do Departamento de Arquitetura e Engenharia da UFSC, bem como no projeto conforme construído, acessado por meio do mesmo arquivo. Em ambos os casos, as visitas aos edifícios foram instrumentais para a elaboração das análises. Também investigamos como cada universidade apresentou esses projetos, observando expectativas, discursos e usos simbólicos. Por fim, consideramos os atores envolvidos na promoção e no financiamento das obras, evidenciando diferentes articulações entre a arquitetura, o mercado e a governança. Nossa escrita condensa essas camadas, combinando descrição, interpretação e crítica; procura articular materiais heterogêneos que vão dos documentos institucionais e arquivos de projeto aos discursos públicos e à mídia. Julgamos que essa abordagem torna visíveis conexões que, de outro modo, permaneceriam dispersas, sem enfraquecer o rigor conceitual e metodológico do texto.

O RELÓGIO E O ELEFANTE

Lausanne

No fim dos anos 1960, a Rolex lançou a campanha *You'd Wear a Rolex*, com anúncios minimalistas nos quais um punho adornado com o famoso relógio amplificava cenas que sintetizavam um ótimo desempenho profissional.

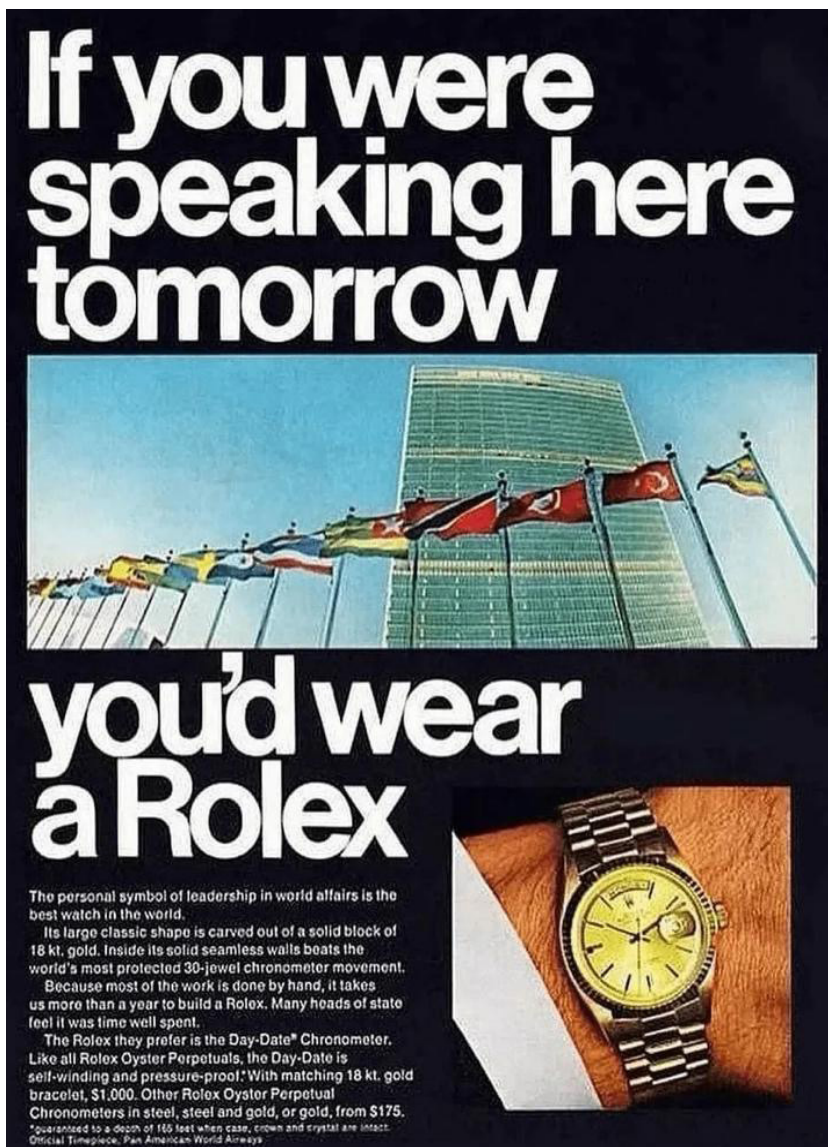


Figura 1. Campanha publicitária da Rolex, c. 1960. A peça associa o produto anunciado ao simbolismo de liderança e autoridade vinculado ao edifício-sede das Nações Unidas. Fonte: Avdić Pašagić (2024).

O slogan, em fonte Helvética, anunciava: “Se você fosse/estivesse... *amanhã*, você usaria um Rolex” e sustentava a mensagem. (Figura 1). Entre as imagens, víamos o Palais des Nations – a sede das Nações Unidas em Genebra – e o edifício-sede da mesma organização em Nova York compondo um repertório de prestígio. Mas o que esse anúncio nos ajuda a compreender sobre o estado atual das infraestruturas de pesquisa e educação e sobre um edifício construído décadas depois? Propomos o RLC como um paradigma do cruzamento das infraestruturas universitárias com os produtos espaciais arquitetônicos. Esse edifício resultou de um projeto do escritório japonês SANAA e foi construído na EPFL entre 2005 e 2010. Ele ocupa uma parte central do campus desenhado por Zweifel + Strickler na década de 1960. Ali, a universidade e o setor empresarial se articulam para reforçar a combinação entre excelência acadêmica e parceria corporativa.

A EPFL, fundada em 1853, transformou-se ao longo do século XX até integrar o sistema federal suíço em 1969, momento em que ganhou força

como universidade de pesquisa e ampliou sua presença internacional. O RLC nos oferece uma entrada precisa para discutir como a transição de um sistema universitário nacional para estruturas internacionais e globais se inscreve na organização espacial do campus. Como artefato arquitetônico, ele materializa essa passagem e nos permite explorar três frentes decisivas. Primeiro, traduz diretrizes curriculares e institucionais em forma construída, revelando como políticas acadêmicas se convertem em espaço. Segundo, incorpora princípios centrais da teoria da infraestrutura, como a visibilidade, a transparência e a redução de atrito, que se evidenciam na ênfase à fluidez. Terceiro, explicita a articulação entre essas dimensões e os interesses corporativos que financiaram o edifício – sobretudo os da Rolex, cuja marca sustenta a narrativa do “superador histórico” (Marchl, 2019). Trata-se de um símbolo global de status que o RLC converte em capital simbólico universitário.

Entre 1880 e 1930, a Suíça priorizou o treinamento vocacional no ensino superior. A expansão do ensino acadêmico só ganharia força nas décadas de 1990 e 2000 e, ainda hoje, se dá de forma desigual, já que a região germanófono concentra as universidades mais prestigiadas (Orosz, 2018). Desde 1960, a Confederação assumiu um papel mais ativo e impulsionou uma governança compartilhada (Goastellec, 2017). Como em outros contextos, a internacionalização reorganizou as relações de poder e aproximou o sistema suíço dos padrões europeus e norte-americanos. O Processo de Bolonha ampliou os instrumentos governamentais e fortaleceu a autonomia institucional. Ao mesmo tempo, abriu caminho para reformas internas que aceleraram a internacionalização, modificaram os modelos de investimento e aumentaram a presença privada em um setor antes majoritariamente público (Bieber, 2016). Nesse cenário, a disputa por investimentos e a competição internacional também transformaram o espaço físico das instituições.

Na EPFL, a transformação espacial do campus, que o RLC epitomiza, tornou-se um trunfo estratégico para recrutar docentes de instituições de prestígio. A universidade passou a divulgar sua capacidade de oferecer financiamento competitivo, infraestrutura moderna e salários atraentes (Escher, 2018; Jiang, 2022). Quando Patrick Aebischer assumiu a presidência da instituição, a EPFL adotou práticas da nova gestão pública, reduziu a supervisão direta do governo e assumiu maior autonomia apoiada em financiamento por desempenho. Essa estratégia atraiu docentes vindos de Berkeley, Google e Harvard, mas também ampliou a dependência de recursos externos diante da retração federal (Escher, 2018). Aebischer defendia “uma universidade onde as fronteiras tradicionais [...] são substituídas por um espírito de colaboração ou verdadeira inspiração científica” (EPFL, 2010), visão que moldou o RLC como artefato arquitetônico desde o início. Em 2005, ao lançar o concurso do edifício, definiu-se que o projeto deveria atuar como marco na paisagem e símbolo dessa expansão institucional baseada na flexibilidade e na independência (Bisbrouck, 2006).



Figura 2. RLC visto de um dos pátios internos. Notam-se as superfícies topográficas de concreto que envolvem o plano envidraçado que configura a maior parte das vedações da obra. Fonte: Arquivo de autores do 2023.

O SANAA concebeu o RLC como um volume retangular orientado no eixo Leste-Oeste, alinhado à Route Cantonale e visível já na chegada ao campus. O escritório de arquitetura japonês fundado por Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa, dois dos nomes mais influentes da arquitetura contemporânea, ficou conhecido por projetos que combinam leveza formal, transparência, simplicidade aparente e soluções espaciais inovadoras. O edifício abriga a biblioteca multimídia, áreas de estudo, um salão multiuso e espaços de trabalho. Empresas como Rolex, a principal doadora, Logitech, Crédit Suisse e Nestlé financiaram parte dos 110 milhões de francos suíços do projeto (EPFL, 2010). A precisão associada à Rolex aparece no edifício em escala ampliada e reforça seu papel como peça publicitária da EPFL, articulando design, imagem e arquitetura corporativa (Figura 2). Como aponta Horn (2022), esses elementos integram a identidade visual de uma organização e envolvem múltiplos níveis sensoriais. A imagem corporativa molda a percepção pública, enquanto a arquitetura corporativa traduz valores e crenças em estruturas físicas que comunicam simbolismo e produzem experiência. No RLC, EPFL, Rolex e demais patrocinadores ativam concomitantemente esses planos, transformando

Figura 3. Vista do auditório principal do RLC. A ubiquidade do nome da principal empresa patrocinadora do edifício aparece tanto no objeto – o relógio – quanto nos demais elementos de comunicação visual do programa. Fonte: Arquivo de autores do 2023.



o edifício em um produto espacial que combina função acadêmica e operação de marca (Figura 3).

Todos os elementos construtivos, inclusive a cobertura, foram concebidos para se flexionar e responder a variações estruturais e ambientais. Para isso, uniram-se os tetos internos para permitir esses movimentos e as fachadas curvas de vidro receberam painéis sob medida que se deslocam de forma independente (Bollinger, Grohmann & Weilandt, 2010). A universidade e os arquitetos enfrentaram o desafio de organizar os usos em uma forma que se aproxima de um relevo artificial, e não de um edifício convencional. A continuidade espacial, que reúne todas as atividades em um único programa, expressa um gesto conceitual ousado e sustenta a experimentação construtiva e a inovação tecnológica. Nesse cenário, a tecnologia também redefine normas culturais e modos de uso. Embora o edifício apareça na literatura e nas publicações oficiais como “livre de barreiras físicas” (BauNetz, n.d.; EPFL, 2010), sua materialidade revela ajustes que relativizam essa narrativa. Gregory (2010) aponta que o SANAA priorizou a fluidez do plano e deixou a estrutura



em segundo lugar, mas minimiza os desafios práticos do edifício. Um deles são as inclinações internas que chegam a 30°, o que obrigou a adotar soluções específicas e por vezes improvisadas para garantir a segurança no uso cotidiano (Figura 4).

Figura 4. RLC. Floreiras impedem o acesso onde o desnível do piso se torna perigoso. Fonte: Arquivo de autores do 2023.

A fluidez surge como conceito central, talvez mais influente que o próprio radicalismo tecnológico. Em diálogo com teorias de infraestrutura, ideias de fluxo, transparência e continuidade passaram a moldar as qualidades relacionais, cinéticas e formais da arquitetura e dos espaços urbanos. A transparência, entendida no estudo infraestrutural como uma tendência de tais sistemas tornarem-se invisíveis quando funcionam e visíveis quando falham, é uma categoria-chave para compreender as infraestruturas, mas a literatura recente tem complexificado essa noção, mostrando que a transparência e a fluidez são fenômenos mais ambíguos e menos estáveis do que as formulações clássicas sugerem (Larkin, 2021; Star, 1999). Nesse sentido, a universidade apresenta o RLC como um “espaço fluido”, no qual áreas de estudo, de convivência e ambientes externos se conectam de modo contínuo (EPFL, 2010). Last (2014) argumenta que o SANAA rompe com modelos tradicionais baseados em oposições rígidas – como as de forma e função ou de interior e exterior – e privilegia a adaptação. A forma evita narrativas únicas e recusa direções fixas ou programas fechados. No entanto, essa indeterminação, muitas vezes celebrada como emancipadora, também revela a naturalização de racionalidades neoliberais: exalta a flexibilidade, a indeterminação e a auto-organização, enquanto o edifício se afirma como ícone institucional e instrumento de poder elitizado que a arquitetura ajuda a estabilizar (Pavan, 2026; Spencer, 2021).



Figura 5. Fachada norte do CCEven. Fonte: Arquivo de autores do 2023.

Florianópolis

Quem entra no campus Trindade da UFSC pelo norte dificilmente ignora o edifício. Imponente pelo tamanho, ele se organiza em torno de um pórtico monumental que concentra a composição. Atrás dele, dois volumes se destacam: a oeste, abrigando salas de apoio; a leste, o grande auditório. A fachada norte exibe o nome da universidade. Durante a longa obra, o CCEven ganhou o apelido de “Elefante Branco”, em uma mistura de humor e crítica (Figura 5). Hoje, o espaço recebe mais de 150 formaturas por ano, além de inúmeros eventos acadêmicos e culturais. As diferenças em relação ao RLC não se restringem ao contexto. O edifício é mais antigo, com outra forma e um programa distinto. Concebido em 1995 e construído ao longo de quase uma década, antecede o REUNI e reflete a dinâmica do pós-redemocratização, marcada pela privatização e pelo avanço da agenda neoliberal no governo FHC. Como estudo de caso, revela como esses ideais impactaram a infraestrutura universitária e redefiniram as relações internas, mantendo as universidades públicas alinhadas à racionalidade neoliberal.

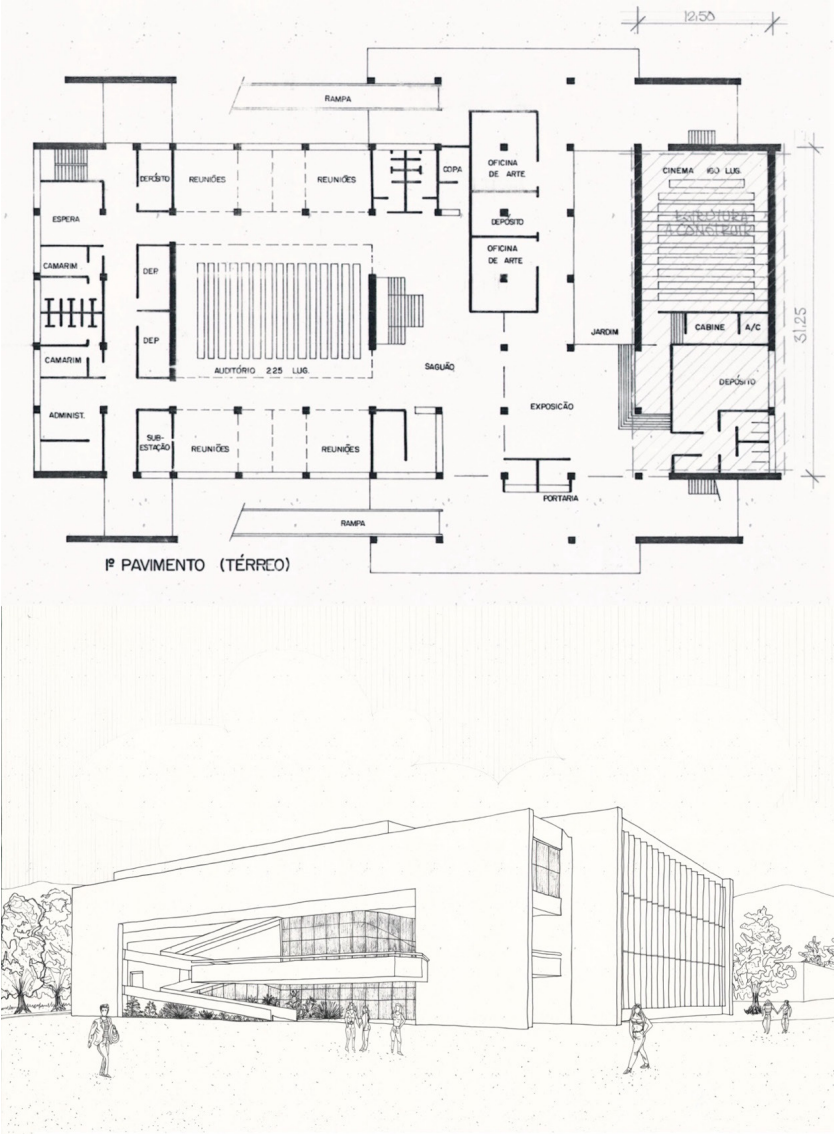
A UFSC surgiu em 1960 da reunião de faculdades isoladas, processo comum na formação das universidades federais. Dos primeiros planos urbanísticos – “de Duarte e Mange de 1957 e de Souza, Peña e Guntzel de 1964” – pouco se construiu e o campus acabou se implantando sem um

plano geral (Ripper-Kos, Pavan & Poeta-Mangrich, 2020). Como no restante do país, o campus foi estratégico na formação de mão de obra para o desenvolvimento regional e para a máquina pública. No fim dos anos 1970, a crise econômica interrompeu a expansão da infraestrutura e muitas obras ficaram paralisadas até o final da década de 1990. O plano paisagístico de Burle Marx (1969–70) foi executado de forma parcial e inaugurado apenas em 1992. Já o processo de elaboração de um Plano Diretor (1998–2005) gerou mais relatórios que intervenções concretas (Pimenta et al., 1998; Ripper-Kos et al., 2020). O período FHC combinou cortes e restrições às IFES com estímulos típicos da racionalidade neoliberal, ao autorizar lucro no setor privado e reforçar a transferência de recursos para essas instituições em detrimento das públicas. Mas, como discutimos, a razão neoliberal envolve também mudanças posturais e filosóficas que alcançam a gestão universitária. Embora seja difícil definir um ponto inicial dessa transição, podemos destacar alguns marcadores. Já nas Reformas Universitárias de 1968, no contexto autoritário e tecnocrático do regime militar, encontramos um princípio importante. Nas interações com técnicos da USAID, surgiram ações voltadas a reduzir a dependência do modelo centralizador e a orientar as universidades para padrões de eficiência, eliminação de redundâncias e racionalização das estruturas físicas e administrativas (Ripper-Kos et al., 2020).

Por mais contraditório que pareça, ainda no período militar já se desenhava um sistema universitário menos dependente do Estado. O Manual sobre o planejamento integral do campus universitário (Atcon, 1970), escrito por Atcon e central nas Reformas, propunha um modelo de campus voltado à redução de custos operacionais e de construção. A obra também criticava o que entendia como ineficiência na gestão e uma suposta falência moral associada à falta de disciplina. Essa abordagem defendia a flexibilidade e a austeridade, enquanto relegava os fatores sociais a um segundo plano. O documento trazia protocolos precisos e orientava as universidades a buscar maior autossuficiência espacial, sobretudo por meio de escritórios técnicos internos encarregados do desenvolvimento e da adaptação contínua do campus. Para instituições em transição, essas diretrizes buscavam diminuir a dependência de recursos estatais na governança espacial.

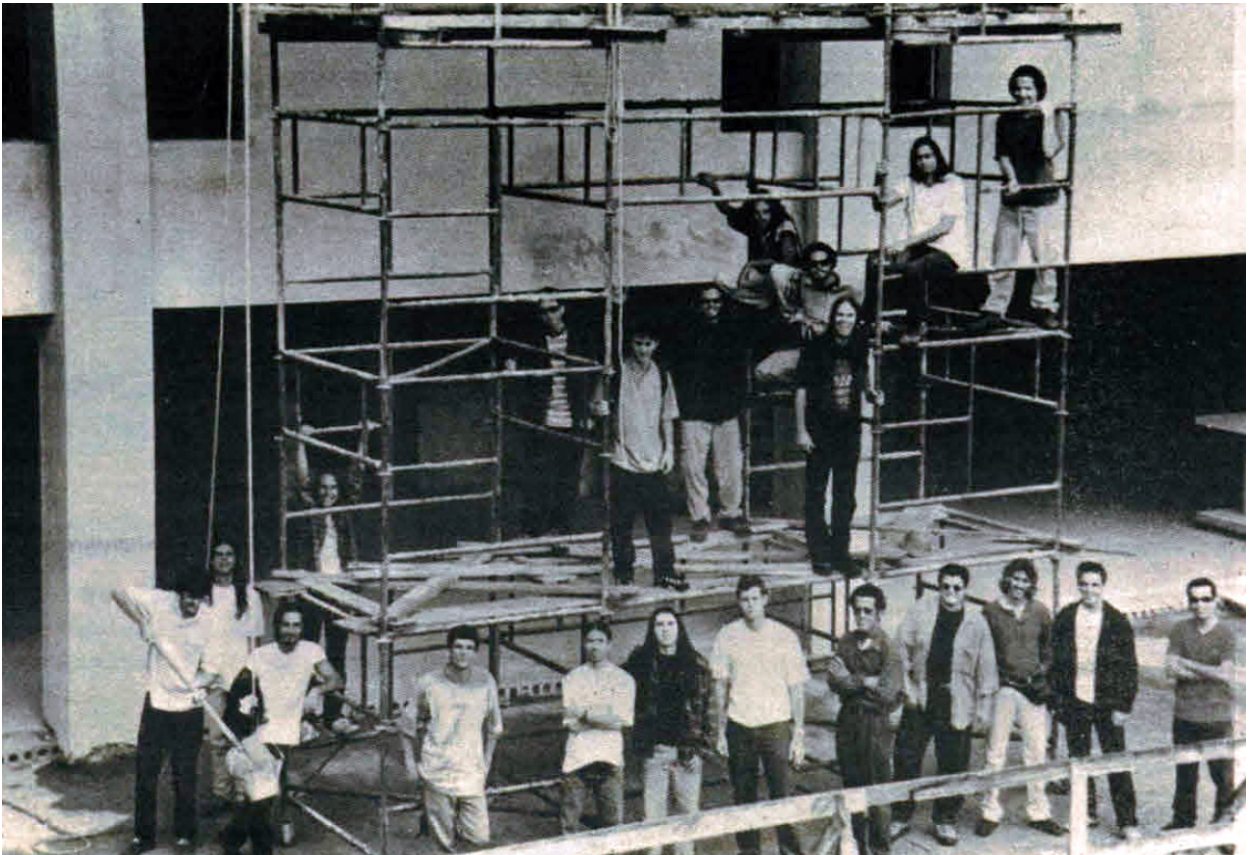
Voltemos ao “elefante”. No projeto original, a estrutura externa já se aproximava da atual, com planta retangular, pórtico dominante e áreas de acesso no térreo, além de varandas no primeiro andar voltadas para a Praça da Cidadania e para a Reitoria. Duas subtrações discretas nas grandes paredes, que funcionam como pilares, reforçam o peso visual do conjunto e criam uma tensão que parece desafiar sua estabilidade. A principal diferença é a ausência do pódio que hoje eleva o edifício, a partir do qual parte a rampa monumental que leva ao primeiro pavimento. Embora a casca tenha se mantido, o interior mudou bastante. O acesso principal levaria a um espaço expositivo que, junto a um jardim interno, organizaria a entrada para dois programas: um auditório menor, sob o atual auditório central, e um cinema. O térreo também abrigava oficinas de arte, salas de reunião e áreas de apoio. No primeiro pavimento, o grande auditório estruturava o programa, acompanhado por um *foyer*, uma praça elevada, visualmente conectada ao jardim interno, um palco externo

Figura 6. CCEven. Projeto por Luiz R. Mayr. 1995. A planta do projeto original, representada acima, evidencia um foco em programas de uso social que, posteriormente, foram removidos quando outros atores, notadamente as fundações, como a FEESC, passaram a integrar o corpo de financiadores da obra. Fonte: Departamento de Arquitetura e Engenharia da UFSC. Montagem dos autores.



voltado à Reitoria e uma sequência de oficinas (Figura 6). O projeto, de 1995, é de Luiz Roberto Mayr, então arquiteto da universidade. Ao longo da construção, grande parte dessa concepção foi modificada para viabilizar espaços de lucro de interesse dos financiadores – os novos atores que possibilitaram a conclusão da obra.

Em 1996, mais de um ano após o início das obras, a UFSC recorreu à Lei Rouanet para retomar o projeto, paralisado após o abandono das empreiteiras, o que levou a ações judiciais para liberar parte dos R\$ 1,68 milhão contratados (Figura 7). Com recursos escassos e em meio à crescente terceirização de serviços considerados periféricos, a universidade contratou novas empresas apenas para garantir o básico: telhado e auditório (Jornal Universitário [JU], 1996; Scarduelli, 1999). O efeito mais duradouro dessa crise decorreu da profunda redefinição do programa. O térreo foi reconfigurado e quase todos os espaços públicos desapareceram. Para concluir a obra, a UFSC contou com financiamento da Fundação Stemmer (FEESC) em 2003 e, como contrapartida,



cedeu à fundação o uso de grande parte do térreo por vinte anos (UFSC, 2023b). A mudança afetou justamente um dos edifícios mais simbólicos do campus. Com isso, privou-se a comunidade de um importante espaço de aproximação entre universidade e sociedade, e o caráter aberto do edifício foi esvaziado (Ripper-Kós et al., 2020). Durante quase toda a ocupação da FEESC, um banco espanhol e uma livraria compartilharam o espaço — a agência bancária localizava-se na fachada principal.

Figura 7. Em 1999, estudantes realizaram uma exposição no edifício do CCEven, ainda em construção; a ação fazia parte de um protesto contra a paralisação das obras. Fonte: Campos (1999).

As infraestruturas reconfiguram dinâmicas sociais e, ao mesmo tempo, abrem novas possibilidades de expressão, funcionando como uma condição cultural difusa que revela os meios técnicos como agentes mediadores e transformadores. Seu efeito não é linear nem orientado por um objetivo único, mas decorre do amplo alcance das redes técnicas. Esse impacto produz transformações discretas, porém relevantes, tanto na organização do espaço e das relações sociais quanto nas formas de imaginação e criação visual (Schabacher, 2022). A chamada estética da fluidez forma um regime estético-ideológico que traduz princípios neoliberais — como mobilidade, flexibilidade, circulação irrestrita e auto-organização — em formas contínuas e curvas suavizadas. Essa aparência de espontaneidade e liberdade mascara, sob a retórica da complexidade e da emergência, as relações materiais de produção e de poder que sustentam o espaço construído. A fluidez formal funciona, assim, como tecnologia de legitimação, naturalizando processos orientados por interesses políticos e econômicos específicos. Jameson (1998) aponta que

CONCLUSÕES

novos estilos arquitetônicos surgem quando certos regimes de investimento, apoiados por tecnologias e infraestruturas específicas, se consolidam. A partir disso, entendemos a infraestrutura como um conceito ampliado que permite analisar os próprios edifícios, vistos como artefatos espaciais e simbólicos que registram como as universidades responderam às pressões externas e continuam a moldar o campus.

Os dois artefatos que tematizamos demonstram a viabilidade do conceito de “produto espacial” ao nos ajudarem a descrever conjuntos arquitetônicos em que a racionalidade neoliberal aparece embutida e inscrita. O RLC, por exemplo, inaugurou um ciclo de empreendimentos que transformaram o campus de forma sensível. Ele cria práticas e as desloca, servindo como um caso de estudo precursor que orienta a forma como outros projetos podem surgir no campus. Sobretudo, oferece um “pacote fechado”, no sentido que Easterling (2005) dá aos produtos espaciais: a combinação de obra emblemática, arquitetura de ponta, nomes consagrados, princípios estéticos específicos e parcerias público-privadas. Esse conjunto continua a informar a publicidade institucional e as estratégias de atração de profissionais da EPFL. Vemos isso no projeto EPFL Pavilions, um edifício baixo, com quase duzentos metros de comprimento, de Kuma e Kobler. O mesmo ocorre no projeto Double Deck, de Dominique Perrault Architecte, cuja obra deve ser concluída até 2028 (EPFL, 2012; EPFL, 2024). Ambos retomam a lógica de flexibilidade e inovação que o RLC ajudou a instituir. Na UFSC, o CCEven abriu recentemente outro capítulo nessa relação com fundações como a FEESC. O espaço físico do edifício segue em debate, quase vinte anos depois. A concessão às empresas terminou e o CCEven entrou em um novo ponto de inflexão: a agência bancária desocupou seu espaço e a livraria que ocupa parte do térreo rediscute um possível contrato de aluguel com a universidade, que depende da receita gerada para complementar seu orçamento (UFSC, 2023a).

Procuramos evidenciar como as dimensões materiais e imateriais se entrelaçam na produção contemporânea dos campi, o que constitui um desafio inerente à visão da infraestrutura como conceito que atravessa escalas e objetos heterogêneos. A ideia de Universidade não é fixa; ela se refaz continuamente a partir de múltiplos mundos de conhecimento. Como observa Martin (2021), cada escala – das relações entre sociedade e universidade às interações internas entre faculdades e disciplinas – se apoia em bases materiais e históricas. A força dessas instituições vem justamente desse movimento constante de transição. Nesse cenário, o neoliberalismo impõe uma nova fronteira física, administrativa, simbólica e epistemológica, ao redefinir as condições de produção do conhecimento, reconfigurar infraestruturas e impor métricas alinhadas ao mercado. Há caminhos que este estudo não percorreu. Uma investigação mais profunda dos contextos da EPFL e da UFSC traria novas camadas de complexidade, suficientes para sustentar artigos próprios. Por exemplo, é pertinente notar como os dois edifícios, no que diz respeito à forma, à expressão e à materialidade, se vinculam a um léxico moderno de produção arquitetônica, característico do século XX. Ainda assim, optamos por tratá-los em conjunto e por meio dos produtos espaciais para tornar visíveis realidades paralelas que, embora distantes, dialogam ao mostrar como pressões

semelhantes produzem respostas infraestruturais distintas. Esse gesto fortalece uma leitura crítica da arquitetura universitária, desloca o debate para além do edifício e acompanha avanços importantes dos estudos de infraestrutura em outras disciplinas.

Conceituação, L.H.P., J.R.K.; Curadoria de dados, L.H.P., J.R.K.; Análise formal, L.H.P., J.R.K.; Obtenção de financiamento, J.R.K.; Pesquisa, L.H.P., J.R.K.; Metodologia, L.H.P., J.R.K.; Gestão de projeto, L.H.P., J.R.K.; Recursos, L.H.P., J.R.K.; Software, L.H.P.; Supervisão, J.R.K.; Validação, L.H.P., J.R.K.; Visualização, L.H.P.; Redação – rascunho original, L.H.P.; Redação – revisão e edição, L.H.P., J.R.K.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES CRedit

Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processo n°424268/2018-3 e processo n°200117/2023-8 e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. Os autores agradecem também ao Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia (DPAE – UFSC).

AGRADECIMENTOS

Andrade, A., Lucena, C., & Barleta, I. (2018). A precarização do trabalho, o REUNI e o novo desenvolvimentismo. *Revista HISTEDBR On-line*, 18(1), 234–257. <https://doi.org/10.20396/rho.v18i1.8645868>

Atcon, R. P. (1970). *Manual sobre o planejamento integral do campus universitário*. Universidad Federal de Santa Catarina.

Avdić Pašagić, L. (2024). Repro-Editon 8:Rolex. The most iconic Rolex vintage ADS from the last 100 years. *Charter: The Design Journal, Print Issues*, (XI) Tastemakers, 062-073. <https://chapter.digital/en/watches-rolex-vintage-ads/>

Barboza, A., & Dauß, M. (Eds.). (2022). *Konzept Campus: Transformationen des universitären Feldes*. arthistoricum.net. <https://katalog.arthistoricum.net/id/0-1805561308>

BauNetz. (n.d.). *Rolex Learning Center in Lausanne—Hügel und Täler aus Beton*. Baunetz Wissen. <https://www.baunetzwissen.de/beton/objekte/bildung/rolex-learning-center-in-lausanne-1669931>

Bieber, T. (2016). Swiss Reforms in Higher Education: The Poster Child of the Bologna Process. Em *Soft Governance, International Organizations and Education Policy Convergence* (pp. 149–184). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/978-1-137-47695-1_6

Biebricher, T., & Ptak, R. (2020). *Soziale Marktwirtschaft und Ordoliberalismus zur Einführung*. Junius.

Bisbrouck, M.-F. (2006). Architectural Competition for EPFL Library (Ecole Polytechnique Fédérale de Lausanne -- Switzerland): Viewpoint of Technical Panel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIBER Quarterly: The Journal of the Association of European Research Libraries, 16(2).
<https://doi.org/10.18352/lq.7848>

Bollinger, K., Grohmann, M., & Weilandt, A. (2010). Das ROLEX Learning Center der EPFL in Lausanne. *Beton- und Stahlbetonbau*, 105(4), 248–259. <https://doi.org/10.1002/best.201000014>

Burrell, J., & Fourcade, M. (2021). The society of algorithms. *Annual review of sociology*, 47(1), 213–237. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-090820-020800>

Campos, C.C. (1999, 5 de diciembre). A face real: mais de 150 projetos integram o 1º Salão de Cultura e Extensão. *Jornal Universitário UFSC*, 11.

Chaves, V. L. J., & Amaral, N. C. (2016). Política de expansão da educação superior no Brasil—O PROUNI e o FIES como financiadores do setor privado. *Educação em Revista*, 32(4), 49–72. <https://doi.org/10.1590/0102-4698162030>

Clarke, J. (2008). Living with/in and without neo-liberalism. *Focal Journal of Global and Historical Anthropology*, 2008(51), 135–147. <https://doi.org/10.3167/fcl.2008.510110>

Costa, C. F. D., & Silva, S. M. G. (2019). Novo neoliberalismo acadêmico e o ensino superior no Brasil. *Revista Eletrônica De Administração [REAd]*, 25(3), 6–35. <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/89569>

Cunha, L. A. (2007). O desenvolvimento meandroso da educação brasileira entre o estado e o mercado. *Educação & Sociedade*, 28(100), 809–829. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300009>

Easterling, K. (2005). *Enduring innocence. Global Architecture and Its Political Masquerades*. The MIT Press.

Edwards, P. N. (2002). Infrastructure and modernity. Em A. Feenberg, P. Brey, & T. J. Misa (Eds.), *Modernity and Technology* (pp. 185–226). The MIT Press.

Ecole Polytechnique Federale de Lausanne [EPFL]. (2010). *Rolex Learning Center—Press Information*. EPFL. <https://www.epfl.ch/campus/visitors/wp-content/uploads/2019/02/ENGLISH-Kit2012.pdf>

Ecole Polytechnique Federale de Lausanne [EPFL]. (2012). *Experimental pavilion to bridge culture and science at EPFL*. EPFL. <https://actu.epfl.ch/news/experimental-pavilion-to-bridge-culture-and-scienc/>

Ecole Polytechnique Federale de Lausanne [EPFL]. (2024). *Double Deck. A new teaching hub at the heart of the campus*. <https://www.epfl.ch/about/philanthropy/strategic-priorities/new-infrastructures/double-deck/>

Escher, G. (2018). From technical school to world-class polytechnic: Ecole Polytechnique Fédérale de Lausanne [EPFL]. Em P. G. Altbach, L. Reisberg, J. Salmi & I. Froumin (Eds.), *Accelerated Universities. Ideas and Money Combine to Build Academic Excellence* (pp. 14–32). BRILL. https://doi.org/10.1163/9789004366107_002

Fleming, P. (2021). *Dark academia. How Universities Die*. Pluto Press.

Goastellec, G. (2017). Higher Education Systems and Institutions, Switzerland. Em J. Shin, P. Teixeira (Eds.), *Encyclopedia of International Higher Education Systems and Institutions* (p. 1–7). Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-017-9553-1_389-1

Graham, S., & Marvin, S. (2022). Splintering Urbanism at 20 and the “Infrastructural Turn”. *Journal of Urban Technology*, 29(1), 169–175. <https://doi.org/10.1080/10630732.2021.2005934>

Gregory, R. (2010). Rolex Learning Centre by SANAA, Lausanne, Switzerland. *The Architectural Review*. <https://www.architectural-review.com/today/rolex-learning-centre-by-sanaa-lausanne-switzerland>

Hertig, H. P. (2016). *Universities, rankings and the dynamics of Global Higher Education. Perspectives from Asia, Europe and North America*. Palgrave Macmillan London. <https://doi.org/10.1057/978-1-137-46999-1>

Horn, H. (2022). *Advertising Architecture: Kommunikation, Imagebildung Und Corporate Identity Durch Unternehmensarchitektur 1950-2000*. Gebr Mann Verlag GmbH & Co Kg.

Jameson, F. (1998). The brick and the balloon: Architecture, Idealism and Land Speculation. Em *The cultural turn: Selected Writings on the Postmodern 1983-1998* (pp. 162–189). Verso.

Jiang, X. (2022). How to lead a successful university transformation: The case of École Polytechnique Fédérale de Lausanne (EPFL). *Educational Management Administration & Leadership*, 50(5), 792–811. <https://doi.org/10.1177/1741143220953600>

Jornal Universitário [JU]. (1996, dezembro 6). Rouanet para o centro. *Jornal da Universidade*, 7.

Ripper-Kos, J., Pavan, L. H., & Poeta-Mangrich, C. (2020). Potencial cívico del campus: Universidad Federal de Santa Catarina y la democracia en la ciudad. *Arquitecturas del Sur*, 38(58), 80-97. <https://doi.org/10.22320/07196466.2020.38.058.05>

Larkin, B. (2021). The Cinematic Milieu: Technological Evolution, Digital Infrastructure, and Urban Space. *Public Culture*, 33(3 (95)), 313–348. <https://doi.org/10.1215/08992363-9262849>

Last, N. (April 10-12, 2014). Architecture and the Image of Fluidity Shady Attia, Swiss Federal Institute of Technology. 102nd ACSA Annual Meeting Proceedings. Globalizing Architecture/ Flows and Disruptions Annual Meeting Proceedings (pp. 35–41). John Stuart & Mabel Wilson. <https://www.acsa-arch.org/chapter/architecture-and-the-image-of-fluidity-shady-attia-swiss-federal-institute-of-technology/>

Laval, C., & Sorondo, J. (2022). Por un cambio de paradigma educativo: del neoliberalismo escolar a la educación democrática. *Revista Educación, Política y*

Sociedad, 8(1), 179-194. <https://revistas.uam.es/revistas/article/view/16474>

Léda, D. B., & Mancebo, D. (2009). REUNI: heteronomia e precarização da universidade e do trabalho docente. *Educação e Realidade*, 34(1), 49–64. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8457/4922>

Lorenz, C. (2011). Riddles of neoliberal University-Reform. Em C. Krijnen, C. Lorenz, & J. Umlauf (Eds.), *Wahrheit oder Gewinn? uÜber die Ökonomisierung von Universität und Wissenschaft* (pp. 53–68). Königshausen & Neumann.

Lund, R. (2020). The social organisation of boasting in the neoliberal university. *Gender and Education*, 32(4), 466–485. <https://doi.org/10.1080/09540253.2018.1482412>

Marchl, P.-S. (2019). The consistency of marketing in the target group approach of watch companies. Em S. Heinemann (eds), *Werbegeschichte(n)* (p. 73–92). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-658-26657-8_6

Martin, R. (2010). *Utopia's ghost: Architecture and postmodernism, again*. University of Minnesota Press.

Martin, R. (2021). *Knowledge worlds: media, materiality, and the making of the modern university*. Columbia University Press.

McGuigan, J. (2016). *Neoliberal Culture*. Palgrave Macmillan London. <https://doi.org/10.1057/9781137466464>

Orosz, K. (2018). Interconnected dimensions of university autonomy in Europe. Em A. Curaj, L. Deca & R. Pricopie (Eds.), *European Higher Education Area: the Impact of Past and Future Policies* (p. 639–649). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-77407-7_38

Pavan, L. H. (2026). *Infrastructural interplays: Spatial products and social infrastructure in three university campuses* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositorio Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/272605>

Pimenta, L., Andrade, M. A. D. C., Pimenta, M. D. C. A., & Eller, M. (1998). *Plano diretor físico: Diagnóstico geral*. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/200221>

Richter, S. (2018). *Infrastruktur. Ein Schlüsselkonzept der Moderne und die deutsche Literatur 1848-1914*. Matthes & Seitz Berlin.

Scarduelli, P. (1999, março 12). Cultura: Cobertura à vista. *Jornal Universitário*.

Schabacher, G. (2022). *Infrastruktur-Arbeit*. Kadmos.

Shils, E., & Roberts, J. (2004). The diffusion of European models outside Europe. Em W. Rüegg (Ed.) *A History of the University in Europe. Volume 3: Universities in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries (1800–1945)* (pp.163-229). Cambridge University Press.

Slobodian, Q. (2020). The Law of the Sea of Ignorance: F. A. Hayek, Fritz Machlup, and other Neoliberals Confront the Intellectual Property Problem. Em D. Plehwe, Q. Slobodian, & P. Mirowski (Eds.), *Nine lives of neoliberalism* (p. 70–92). Verso. <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/215796/1/Full-text-book-Plehwe-et-al-Nine-lives-of-neoliberalism.pdf>

Souza, J. (2011). Für eine kritische Modernisierungstheorie. Em A.T. Paul, A. Pelfini, & B. Rehbein (Eds.), *Globalisierung Süd* (p. 405–428). Verlag für Sozialwissenschaften. https://doi.org/10.1007/978-3-531-19916-0_18

Spencer, D. (2021). Architectural deleuzism Neoliberal Space, Control and the 'Univer-City'. Em *Critique of Architecture. Essays on Theory, Autonomy, and Political Economy* (p. 30–60). De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783035621648-004>

Star, S. L. (1999). The ethnography of infrastructure. *American Behavioral Scientist*, 43(3), 377–391. <https://doi.org/10.1177/00027649921955326>

UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]. (07 de novembro de 2023a). *Nota de esclarecimento da UFSC sobre aluguel de espaço para livraria*. Notícias da UFSC. <https://noticias.ufsc.br/2023/11/nota-de-esclarecimento-da-ufsc-sobre-aluguel-de-espaco-para-livraria/>

UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]. (29 de maio de 2023b). UFSC planeja investir cerca de R\$ 17 milhões em obras a partir deste ano. APUFSC Sindical Docentes pela Universidade Pública. <https://www.apufsc.org.br/2023/05/29/ufsc-planeja-investir-cerca-de-r-17-milhoes-em-obras-a-partir-deste-ano/>

van Laak, D. (2018). *Alles im Fluss. Die Lebensadern unserer Gesellschaft*. S.Fischer Geschichte.

Wedlin, L. (2020). The idea of a global market for universities. Em L. Engwall (Ed), *Missions of Universities. Past, Present, Future* (Vol. 55, pp. 179–192). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-41834-2_11